

portugal vermelho
pedro catalão moura



A todos quantos lutaram e lutam pela liberdade.

*Oxalá que nós não tenhamos de meter no
Campo Pequeno os contrarrevolucionários
antes que eles nos metam lá a nós.*

OTELO SARRIVA DE CARVALHO

I

Макарова...

A peculiar, antiga e bela vila de Estremoz dorme. Dorme sob uma escuridão de além-Tejo salpicada pela luz das estrelas, sob uma noite fria, tão fria quanto qualquer noite de inverno, tão fria quanto qualquer noite de outubro de 1989. Uma noite em tudo normal, ou quase.

— Cala-te, vadia! Onde é que ele está?

Gritos ecoam por toda a casa da família Simões.

Mais uma, como tantas outras, que brotam, espaçadas e sem encosto, para lá do rio parido em Espanha e findo em Lisboa, a pequena habitação é, em tudo, modesta. Caiada a branco, assim o exige o calor do dia, e enquadrada por uma larga borda azul, assim o sugere a tradição local, conta com quatro quadradas janelas, duas no andar de baixo ladeando a porta da frente, e duas no andar superior, responsáveis pela iluminação e arejamento dos dois quartos. Um ocupado pelo mais velho, gaiato de dezoito anos, o outro a aguardar que o mais novo dos irmãos se decida a dormir sozinho. Mesmo contando já com nove anos, não consegue evitar refugiar-se no quarto dos pais, no rés do chão, todas as noites.

— Deixa o moçoilo ficar só mais esta noite — diz a mãe sempre que o pai resmunga por ver o mais novo dos herdeiros camuflar-se entre as fro-nhas e as mantas da cama do casal.

— Larga-a, maldito!

São mais de uma dúzia. Parecem polícias, talvez militares. Verdadeiras cópias em altura, em largura, em musculatura, em fardamento, em arma-mento. Aproveitando a pacatez noturna, tomaram conta do interior da modesta habitação alentejana. Com eles, também o medo e a violência se instalam na casa. Trazem, na algibeira, objetivos muito claros.

— Larga-a?! Mas quem és tu para dares ordens? — berra um dos ho-mens na direção daquele que aparenta ser o chefe de família, o pai da casa, enquanto o atinge na testa com o cabo da sua pistola *Макарова*.¹

De olhar vidrado e profundamente baralhado, cai desamparado so-bre o chão de mosaico da casa. Quase instantaneamente, um fio de sangue jorra-lhe do local onde o cabo da pistola acertou.

Ao ver o marido estatelado no chão, a esposa solta um novo grito, um

¹ *Makarov.*

grito de quem não entende o que está a acontecer, ainda que suspeite. É-lhe óbvio que a sua casa está a ser invadida por homens desalmados, armados até aos dentes e sem pejo de usar essas armas, homens cuja visita ela e o marido nunca pensaram ter, embora a temessem vai para quinze anos. Ei-los, ei-los em sua casa, o lugar onde são o epítome da família perfeita há tantos anos.

— Não nos façam mal! Não façam mal aos meus meninos, suplico-vos!
— clama a dona da casa, enquanto tenta sobrepor o seu sobre o corpo do filho caçula.

Mais depressa ela rogasse e mais depressa os invasores virariam a sua atenção para o jovem. Sem hesitarem, arrancam-no dos braços da mãe e apontam-lhe o cano de uma das armas à ténpor esquerda.

— Onde está o outro rapaz? Diz-nos já ou disparo!

Se dúvidas restassem ao casal, estas são dissipadas. Aquilo que nunca lhes saiu da memória durante a última década e meia, embora mantendo a esperança de que nunca aconteceria, parece estar mesmo a tornar-se realidade.

Vendo o seu filho à mercê de uns quaisquer brutamontes e tomado por um instinto irracional de pai protetor, o dono da casa ergue-se do chão e atira-se sobre os dois homens que ameaçam a vida do infante. Como diria Newton, qualquer ação tem uma reação. A reação a esta ação nada ponderada, mal executada e até estúpida não demora. Um dos invasores aperta o gatilho, o projétil sai disparado a uma velocidade estonteante e sedento por um alvo. Não tarda a encontrá-lo. A área é grande e a pontaria não é má. Um buraco abre-se no peito do homem. A bala atravessa-lhe a roupa, rasga-lhe a pele, termina-lhe a vida.

Desalmado, o homem cai estrondosamente sobre as patelas e, logo a seguir, afunda o rosto no mosaico duro do chão. A esposa, acabada de en-viuvar, segue-lhe o movimento com os olhos. À medida que vê o corpo do marido tombar, apodera-se de si uma profunda letargia que a impede de gritar, reagir ou sequer raciocinar. Sente-se como se também uma parte de si tivesse acabado de morrer.

Também o filho o mira. Jamais poderia pensar que, quando se meteu entre os lençóis da cama dos pais ao anoitecer, seria a última vez que o faria com o pai vivo. Jamais acreditaria que o seu progenitor estava a horas de acabar morto em plena casa da família, durante uma tentativa impensada de protegê-lo.

O som do tiro é evidente. Ecoa nas paredes da casa. Propaga-se a todas as divisões. É alto, alto o suficiente para acordar o filho mais velho, que ocupa um dos quartos do piso superior.

Apercebendo-se do ruído exagerado e nada comum para tais horas da

noite, vê a curiosidade apoderar-se de si. Passados curtos instantes, escutar vozes masculinas que lhe são desconhecidas aguça ainda mais essa curiosidade. Lutando contra o sono, ergue-se da cama a algum custo, desce a estreita escada que une os dois pisos e, sem que nada o preparasse para tal, dá de caras com o cenário mais dantesco que alguma vez pensou ver. Nem nos seus piores pesadelos sonhou em ver a sua casa invadida por um grupo qualquer de brutamontes armados até aos dentes, ver a sua mãe exibindo um ar de evidente pânico, lavada em lágrimas e imersa num profundo sofrimento, ver o seu irmão caçula erguido pela roupa de dormir e com um cano de arma encostado à cabeça, e ver o seu pai, tão inerte quanto a morte o exige, mergulhado numa abundante poça de sangue.

— Mãe! — solta, com a entoação de quem busca respostas vindas de quem não tem como dá-las.

— Ah, aqui está ele!

Alguns dos invasores apressam-se a virar os canos das suas *Makarov* na direção do jovem.

— Sebastião, fuge! Corre, filho!

Quase sem tempo para processar mentalmente tudo aquilo que se lhe apresenta diante da vista, e habituado a seguir os conselhos que a mãe lhe dá, não hesita. Rodopia sobre os calcanhares e, em passo de corrida, lança-se sobre a porta das traseiras da pequena habitação, a mesma que dá para o pequeno jardim da casa e, cruzada uma pequena estrada de terra batida, para uma zona de cerrado arvoredo. É essa a única opção que lhe resta, escapulir-se por entre silvas, giestas e árvores, camuflar-se na negridão da noite.

Na penumbra imposta sobre a estreita estrada, uns metros mais abaixo, desenha-se o perímetro de uma viatura. Encostada a uma das bermas, estacionada, faróis desligados. No seu interior são perceptíveis dois vultos. Um por trás do volante, o outro no banco traseiro. Apreciam o desenrolar dos acontecimentos, nesta vila cuja pacatez um grupo de homens resolveu macular.

Ao passar pela ombreira da porta, sente o volumoso grupo de invasores lançarem-se no seu encalço. Por se tratar de verdadeiros elefantes numa loja de porcelanas, apercebe-se do som de uns quantos cacarejos que, empurrados pelos brutamontes, se vão escacando sonoramente ao caírem ao chão.

Já na rua, detém momentaneamente o passo de fuga. Fá-lo ao ouvir dois novos tiros. Primeiro um. Logo de seguida o segundo. A sua mente é tomada pelos destinatários desses mesmos tiros. Não é ele. Os tiros foram dentro de casa. Só outros dois alvos podem ter sido os escolhidos. Duas pessoas que conhece desde que se lembra. Duas pessoas a quem chama família. Duas pessoas que ama e que o amam, ou amavam. O irmão. A mãe.

II

Pobre rapaz de fardamento verde...

Quis saber quem sou.

Abril de 1974. Vigésimo quarto dia do mês. Vinte e duas horas e cinquenta e cinco minutos. Toca a telefonia. Canta Paulo de Carvalho, representante português, com o aval do Estado, no Festival da Canção. Ouve-se «E Depois do Adeus».

O que faço aqui.

Na Pontinha instalou-se o posto de comando do movimento revolucionário. Chefiado por Otelo Saraiva de Carvalho, aguarda pelo momento ideal para avançar com o plano que há muito se traçou, um plano que muitos tentaram pôr em prática e que outros tantos falharam.

Quem me abandonou.

Entrado cadete na escola do exército, Otelo duvidava das suas capacidades militares, da vontade de encarar o encargo militar, do altruísmo exigido a quem serve a nação. Além disso, jamais adivinharia que esse mesmo serviço patriótico o levaria ao epicentro da maior e mais importante revolução da História de Portugal.

De quem me esqueci.

— As tropas estão a postos, Otelo.

— Também estavam há um mês, nas Caldas, e deu no que deu. Calma!

Perguntei por mim.

O militar refere-se à Intentona das Caldas, uma tentativa falhada de golpe de Estado que se deu a dezasseis de março de 1974 e que levou ao encarceramento de dezenas de militares. A crescente insatisfação, espalhada pelas forças armadas portuguesas envolvidas na guerra colonial, aliada ao desprestígio da carreira militar causado pelo facilitismo imposto pelo Estado Novo a todos quantos desejavam entrar nas tropas, fez com que vozes militares antirregime se fossem fazendo ouvir com progressiva veemência.

Quis saber de nós.

As vozes descontentes são paridas, sobretudo, por elementos do Movimento das Forças Armadas, também conhecido por Movimento dos Capitães ou simplesmente MFA. Esta organização, formada no seio do exército, visava opor-se à abordagem seguida pelos governantes durante a guerra civil em curso e, por inerência, ao próprio regime.

Mas o mar.

Depois de muito encher, há sempre uma derradeira gota que provoca o vazamento. Essa gota foram as demissões de António de Spínola e Francisco Costa Gomes, generais das tropas, por parte de Marcello Caetano, depois de estes faltarem a uma das habituais sessões de vassalagem, de beija-mão, ao ditador. Por não mais suportarem as sucessivas injúrias à sua honra, dois dias depois os militares decidem sair à rua. Comandado pelo capitão Armando Marques Ramos, o quinto regimento do exército parte das Caldas da Rainha em direção à capital para, uma vez aí chegados, dar por findado o regime iniciado por Salazar e continuado por Caetano.

Não me traz.

Mero azar ou profunda impreparação, a verdade é que as forças da ordem do regime depressa souberam da coluna que se aproximava de Lisboa. Em pouco tempo, um volumoso e heterogéneo ajuntamento de efetivos da GNR, da Legião, da PIDE² e de muitos outros fiéis ao regime, apetrechados com todos os tipos de carros de combate, armas e munições, instalou-se às portas da cidade. Alertados para tal, a coluna militar não teve outra escolha que não a de voltar ao ponto de partida. Aí, volvidas algumas horas, o regimento foi cercado por tropas leais ao ditador e todos os envolvidos na intentona acabaram divididos pelas prisões de Santa Margarida e Trafaria.

Tua voz.

Curiosamente, é graças ao malogro das Caldas que a revolta contra o regime de Caetano sobe de tom e se espalha a ainda mais elementos das forças armadas portuguesas. Revoltados por verem irmãos de armas encarcerados e torturados, os capitães do MFA apressam-se a rescrever todo o plano de motim, de revolução.

Em silêncio, amor.

— Hoje será diferente. Vamos virar isto — afirma um dos militares.

— Vamos libertar os nossos camaradas! — lança um segundo.

— As coisas que falham são o prelúdio das coisas que vencem — acrescenta um terceiro, num tom mais poetizado para exibir a sua eloquência.

Um pouco mais pragmático e com a memória do dia dezasseis de março ainda bem fresca, Otelo mostra-se sereno.

— Calma, homens, esperemos pela segunda senha sem nos precipitarmos.

Em tristeza e fim.

Abril de 1974. Vigésimo quinto dia do mês. Zero horas e vinte minutos. Toca a telefonia. Canta Zeca Afonso, um artista revolucionário, crítico

² Oficialmente denominada por DGS (Direção-Geral de Segurança) desde 1969, mas popularmente denominada por PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado).

do regime e totalmente censurado, em plena Rádio Renascença. Ouve-se «Grândola, Vila Morena».

Eu te sinto, em flor.

O princípio do fim. Hoje terminam quatro décadas de nada. Quarenta anos despidos de liberdade, sem amor ou paixão, nus de arte, cegos aos livros e surdos à música, cerrados para o mundo, voltados para si. Quarenta anos! Parece impossível, mas não é. É possível, é realidade, é facto e é, a partir de hoje, memória, página indelével e digna de ser lembrada eternamente dos livros de História, da História de Portugal.

Eu te sofro, em mim.

— O movimento está em curso. Não há volta a dar. As tropas que avancem!

Eu te lembro, assim.

É com voz firme que Otelo dá as ordens aos companheiros de armas que partilham a sala consigo. Estes, por sua vez, apressam-se a garantir que todos os batalhões, regimentos e núcleos das tropas se põem em circulação.

Partir é morrer.

Ao contrário do acontecido um mês antes, o plano de hoje foi cuidadosa e meticulosamente arquitetado. Não foi rabiscado num qualquer guardanapo de restaurante ou considerado um sucesso antes de sê-lo. Não foi, como diz o povo mais culto, feito às três pancadas de Molière. Não foi, como diz o povo menos letrado, tirado do cu com um gancho. Foi construído pelos melhores estratégias e ponderado para que nada falhe. Foi, acima de tudo, motivado pelas dezenas de irmãos de armas que se quedam encarcerados desde março.

— À falta de melhor motivo, e no mínimo dos casos, a ação será desencadeada para libertar esses homens! — grita-se, em jeito de mote.

Como amar.

Começam as movimentações. A norte, Carlos de Azedo faz uso da autoridade que tem enquanto tenente-coronel e avança sobre o quartel-general da Região Militar do Porto. Forças vindas de Viana do Castelo impõem o controlo do Aeroporto de Pedras Rubras. A estes homens vêm juntar-se muitos outros saídos dos respetivos regimentos para garantirem que a sua vontade é imposta.

É ganhar.

Por correrem depressa, as notícias não tardam a chegar ao ditador e a todos os seus lacaios vulgarmente intitulados de ministros e aos quais se dá cargos de aparência. Cargos que lhes permitem exercer o poderzinho. O poder, verdadeiro e absolutista, esse reside em Marcello Caetano por herança de Salazar.

E perder.

Apanhados de surpresa, a surpresa necessária a uma iniciativa deste tipo, apressam-se a exercer esse poderzinho. Dão-se ordens de contrarrevolução. Caem em saco roto.

Tu vieste em flor.

— O que fazemos, comandante? — questiona o primeiro-cabo, militar que acaba de receber as ordens vindas do Ministério da Defesa. — Querem que avancemos sobre o Porto e restabeçamos a ordem.

— Palavras loucas, ouvidos moucos.

Eu te desfolhei.

— Está no ar, comandante, pode falar — informa Joaquim Furtado, jornalista do Rádio Clube Português, cujas instalações acabam de ser invadidas por oito militares do MFA.

— Aqui posto de comando do Movimento das Forças Armadas. As forças armadas portuguesas apelam para todos os habitantes da cidade de Lisboa no sentido de recolherem a suas casas, nas quais se devem conservar com a máxima calma. Esperamos sinceramente que a gravidade da hora que vivemos não seja tristemente assinalada por qualquer acidente pessoal, para o que apelamos para o bom senso dos comandos das forças militarizadas no sentido de serem evitados quaisquer confrontos com as forças armadas. Tal confronto, além de desnecessário, só poderá conduzir a sérios prejuízos individuais que enlutariam e criariam divisões entre os portugueses, o que há que evitar a todo o custo. Não obstante a expressa preocupação de não fazer correr a mínima gota de sangue de qualquer português, apelamos para o espírito cívico e profissional da classe médica esperando a sua acorrência aos hospitais, a fim de prestar a sua eventual colaboração, que se deseja, sinceramente, desnecessária.³

Tu te deste em amor.

De Santarém, sai a formação com uma das muitas tarefas do dia, quiçá a mais importante.

— Meus senhores, como todos sabem, há diversas modalidades de Estado. Os Estados sociais, os corporativos e o estado a que chegámos. Ora, nesta noite solene vamos acabar com o estado a que chegámos. De maneira que, quem quiser vir comigo, vamos para Lisboa e acabamos com isto. Quem for voluntário, sai e forma. Quem não quiser sair, fica aqui.

Eu nada te dei.

Capitaneada por Salgueiro Maia, a Escola Prática de Cavalaria só cessa a marcha em pleno Terreiro do Paço. Ainda nem o Sol deu um ar da sua graça e já o centro da capital está lotado. Homens fardados, *Chaimites* apetrechadas, armas carregadas e gentes com ganas, com ânsias de liberdade.

Em teu corpo, amor.

³ Excerto da comunicação original.

Entre a multidão que enche as ruas desde o Terreiro do Paço até ao Rossio está Celeste Caeiro. Celeste é empregada no Sir, restaurante inaugurado precisamente a vinte e cinco de abril de 1973 e que hoje comemoraria o primeiro aniversário oferecendo cravos a todas as clientes. Não podendo abrir portas por haver uma revolução em curso, o dono entrega o ramalhete à sua fiel funcionária para que faça com ele aquilo que melhor lhe aprouver.

Eu adormeci.

— Olhe, desculpe, o que se passa?

Chegada ao Rossio, espantada com a tenda armada, depressa aborda um dos membros da esquadra. De mãos nos bolsos e olhar distante, jeito de marinheiro ou de soldado, pobre rapaz de fardamento verde, negra madeixa ao vento, boina maruja ao lado.

— Nós vamos para o Carmo para deter o Marcello Caetano. Isto é uma revolução.

De origem humilde mas com forte saber político, vê-se tomada por um misto de alívio e de medo. Alívio por sentir um futuro melhor bater à porta. Medo por saber que já antes se tentara e que em nada dera.

Morri nele.

— Tem um cigarro? — pergunta-lhe o militar.

Celeste não tem cigarros, mas sente pena do jovem que, ladeado por tantos iguais a ele, arriscam a vida pela vida dos seus. Olha em volta. Tudo fechado. Loja alguma se arriscaria abrir em dia tão conturbado. Não poderá comprar cigarros para oferecer ao moço, nem sequer um pequeno farnel que lhe dê ânimo.

— Se quiser, tome. Um cravo oferece-se a qualquer pessoa.

E ao morrer.

O jovem militar agradece-lhe com um sorriso. Um sorriso aberto que lançaria à própria mãe se esta ali estivesse a mirá-lo. Mirá-lo-ia com o orgulho de uma mãe que vê o filho lutar por aquilo em que acredita. Sem hesitar, pega no cravo e deixa-o cair sobre o cano da espingarda.

Renasci.

Cativados pela atitude, outros seguem-lhe os gestos e, em poucos minutos, a revolução floresce. Transforma-se num mar vermelho. Não de sangue, esse nunca foi o propósito de quem planeou, mas de flores, algo frágil mas belo, algo singelo mas tão simbólico. E assim se vê Celeste, sem cravos depois de todos ofertar.

E depois do amor.

Com o Sol a pique, Salgueiro Maia chega ao Carmo, tal como vaticinado. O ditador em queda refugiou-se no quartel rodeado por uns quantos, poucos, os últimos, apoiantes. À porta, a população vai-se apertando cada vez mais. Trazem consigo a mesma ânsia que sentem desde que escutaram

o primeiro comunicado do MFA, ainda mal começara o dia. Parecem uvas apertadas numa qualquer tina à espera dos pés que as esmagarão em vinho.

E depois de nós.

Ciente de que a situação pode descontrolar-se, não por haver muitos com vontade de morrer por uma causa perdida mas porque, no calor do momento e pressionado por Marcello, algum elemento afeto ao regime pode cometer uma loucura, Salgueiro Maia dá as ordens que lhe foram incumbidas. De megafone em riste, faz-se ouvir.

O dizer adeus.

No interior do quartel, o ditador à beira da desgraça escuta-o. Recebe ordem de rendição. Nada lhe acontecerá caso se entregue. Salgueiro Maia dá-lhe tempo, mas o tempo passa sem movimentos do interior. Não resta alternativa. Não sai a bem, pois que saia a mal.

— Fogo!

O ficarmos sós.

Pobre fachada, maculada por disparos assemelha-se ao rosto de um adolescente borbulhento. São grandes, os danos materiais, mas não superaram os morais. Com os disparos caem pedaços de reboco, tinta e pedra ao chão do Largo do Carmo, e cai o governo, a censura, a perseguição, a tortura e a mordança. Cai Marcello Caetano.

Teu lugar a mais.

O dia vai longo. Marcello Caetano cede, mas não o faz sem uma última imposição. Aos revoltosos que aguardam para encarcerá-lo garante negociar a sua rendição, mas só o fará perante um representante do MFA com patente não inferior a coronel.

Tua ausência em mim.

— Otelo, é o Spínola.

Uns dirão que foi exigência do próprio ditador, outros que o general só estava no local certo à hora certa. Seja como for, é o general Spínola quem se chega à frente e trata de pôr-se em contacto com o Movimento dos Capitães.

— Ele está a pedir a nossa permissão para receber a rendição do homem — faz saber Otelo aos demais elementos do MFA presentes no posto de comando da revolução.

Os militares entreolham-se. Apesar de Spínola ter, em certa medida, colaborado com os objetivos dos revoltosos, não pertence ao MFA. Além disso, as suas reais intenções nem sempre são perceptíveis. O general é um homem inteligente, ambicioso, com propósitos próprios e digno de cuidado.

Tua paz.

— General, está aí?

— Fale, meu caro.

— Em nome dos elementos do MFA, está autorizado a representar-nos e a receber a rendição do Presidente do Conselho.

Que perdi.

Negociada a rendição, Salgueiro Maia manda entrar uma *Chaimite* no quartel. No seu interior levará Marcello Caetano, agora ex-ditador, e alguns dos seus ministros para a Pontinha, ao encontro do posto de comando da revolução. Daí, usufruindo de um salvo-conduto, partirão para a ilha da Madeira e, logo de seguida, para o exílio eterno no Brasil.

Minha dor que aprendi.

De todas as instituições salazarentas, resta uma, a que mais sofrimento impôs. Resta a Polícia Internacional e de Defesa do Estado, a PIDE.

De novo vieste em flor.

Curiosamente, esta é a principal falha de todo o plano traçado. Algures durante o dia, um grupo de comandos deveria ter tomado a sede da polícia do regime, coisa que não viria a acontecer por recusa de um dos responsáveis envolvidos.

Te desfolhei.

Sabendo da sua teima em deporem as armas, uma massa humana acorre à António Maria Cardoso, rua onde se sedia a PIDE, para aí se concentrarem e pressionarem os elementos sobrantes do regime.

E depois do amor.

Vendo-se cercados e tomados por algum desespero, quiçá medo de verem fazer-lhes aquilo que eles próprios fizeram aos seus inimigos durante anos, não hesitam em abrir fogo contra os manifestantes. É esse mesmo fogo o responsável por macular a perfeição da revolução, por adicionar os primeiros nomes à lista de vítimas da revolta.

E depois de nós.

São quatro os revoltosos que perecem às últimas balas disparadas pelo regime. Quatro valorosos cidadãos que, tendo sentido o cheiro a liberdade às primeiras horas do dia, quiseram garantir que essa liberdade era, de facto, afiançada e imposta. Infelizmente, não poderão usufruir dela. Mas resta um alento, o alento de que as gerações vindouras não saberão o que é viver em ditadura.

O adeus.

Às mãos dos militares, finda-se o Estado Novo, finda-se a ditadura, finda-se Salazar, finda-se Caetano, finda-se a censura, finda-se o lápis azul, finda-se a prisão, finda-se a tortura, finda-se! Começa a democracia, começa uma nova regência, começa a fala, a escrita e a criação solta, começa a liberdade, começa a igualdade, começa um país novo. Ou assim se espera...

O ficarmos sós.⁴

⁴ «E Depois do Adeus», José Niza.

III

Mena e Dina...

Quem ama verdadeiramente o primeiro dos amores não se apaixona por um segundo.

— Bom dia, amor, dormiste bem?

A voz é doce. O rosto tem tez clara. Queixo demarcado. Cabelo não muito longo, mas algo rebelde. Houvesse vento e estaria esvoaçante. Pescoço longo. Lábios carnudos, mas não em exagero.

— Nem por isso, Mena.

— Pois, eu reparei. O que te sobressalta?

— Até parece que não sabes!

Mena. Diminutivo carinhoso de Filomena. O segundo dos amores na vida de quem a ama entre segunda-feira e quinta-feira. O primeiro, por sua vez, dá pela graça de Dina. Não tem direito a diminutivo carinhoso por parte de quem a ama entre sexta-feira e domingo.

— O tal rapaz?

— Sim, o tal rapaz.

O inquirido parece agastado com o evidente desinteresse da mulher com quem partilha metade da sua vida. Poderia achar-se que Dina, a outra que, na realidade, foi a primeira, lhe desse mais importância, mas não. Tanto ela quanto Mena veem nesta figura, que ora dorme a seu lado ora dorme na cama da outra, o seu marido, um homem normal. Tudo o resto passa-lhes ao lado. Preferem assim. Olhos que não veem, coração que não sente, pessoa que não sofre.

— Esta noite iam tentar apanhá-lo.

— E como correu?

— Como queres que saiba?! Sou bruxo, por acaso?! Assim que chegar a Belém saberei.

Um silêncio quase absoluto, não fosse o tilintar das loiças sobre a mesa do pequeno-almoço, toma conta da sala.

Não é muito grande. Não é muito luxuosa. Não é digna de um chefe de Estado, poderia argumentar-se, mas tem tudo o que faz falta. Dois sofás de camurça ladeiam uma lareira central sobre a qual, assente na pedra que a emoldura, jaz um rádio a precisar de reforma. Uma estante de livros e um abajur de pé alto concluem a parede. Duas janelas dão vista sobre a rua que passa lá em baixo e sobre os vizinhos da frente.

Uma mesa onde ambos tomam o pequeno-almoço nos dias em que ele ali vive e onde ela faz todas as refeições, ora com o marido ora sozinha, ocupa o centro.

— Poderia ter vindo alguém avisar-te.

— Não te metas, Filomena! Ocupa a tua cabeça com outras coisas e deixa o governo do país comigo! — grita-lhe o homem enquanto desfere um murro enraivecido na mesa, provocando um sobressalto na mulher.

Um segundo silêncio domina o espaço. Mena volta-se para os ovos mexidos que tem diante de si, a sua refeição matinal de eleição desde que se conhece como gente.

— Espero que os Serviços tenham cumprido a missão. Estou farto de ter de lidar com um fulano que mal conheço!

— Mas ele não é só um miúdo?

— Miúdo ou não, é um perigo para mim, para o partido e para o país! As malditas ideias que anda por aí a espalhar ainda vão dar-me muitas dores de cabeça.

— Tem calma, amor. Vais ver que tudo se resolverá.

Nada enfurece mais alguém do que outra pessoa sugerir-lhe calma num momento de nervosismo. Tal conselho, que visa ser bem-intencionado e de apoio, acaba por ser nova acha atirada ao fogo de um incêndio descontrolado.

— Como posso ter calma, Filomena?! Ainda por cima, os malditos soviéticos andam desavindos.

— Desavindos?

— Sim. Já não nos enviam tanto apoio. O dinheiro tem sido cada vez menos e os recursos militares também têm vindo a encurtar. Só as ordens é que não diminuem. Acham que somos mais uma das suas repúblicas soviéticas.

— E não somos?

Lancinantes na direção de Filomena, os olhos do seu companheiro são vidros cristalinos para aquilo que lhe vai na alma.

— Portugal é um império, Filomena! Estende-se da Europa até África. Não somos lacaios de ninguém!

— Se tu dizes, amor.

O silêncio instala-se uma derradeira vez. É a oportunidade perfeita para terminarem de bebericar os goles de café que sobram no fundo das respetivas canecas.

— Bom, vou embora.

Com ligeireza, o homem ergue-se da cadeira, agarra numa pequena caixa de prata que carrega por todo o lado, a mesma onde guarda os pozinhos mágicos que lhe dão o vigor que a idade lhe roubou, beija a testa

da mulher, puxa por um casaco esverdeado de aparência militar até então pendurado no bengaleiro e sai.

— Bom dia, camaradas.

— Bom dia, vossa excelência.

Na rua, três carros aguardam por si. *Mercedes*, negros, estatais, com bandeirolas esvoaçantes sobre os para-lamas. Um deles, o do centro, tem a porta aberta, segura por um agente de óculos escuros, fato escuro, gabardina escura, gravata escura, a escuridão em pessoa. Um perímetro de agentes em tudo igual ao porteiro contorna a área. Evidentes seguranças do homem que acaba de tomar o seu lugar. A porta é fechada. Os homens de negro ocupam também os respectivos assentos. A comitiva arranca.

Ao fundo da rua, um carro. No seu interior, dois vultos. Um com as mãos sobre o volante. Outro, mais importante, no banco de trás. Mirões do homem que acaba de receber honras de escolta até ao local de trabalho.

— É aqui que ele vive?

— Sim, durante metade da semana.

— Certo. Podemos seguir.

IV

Eu tenho, tinha, amor...

Passos de frequência quase harmónica escutam-se lá fora. As folhas secas que cobrem o chão como se de uma verdadeira tapete persa se tratasse impedem um andar inerte, silencioso.

Perfeitamente encaixada entre grossos troncos de árvores, a cabana tem uma aparência entregue ao desleixo e ao abandono. Uma boa parte da fachada frontal cobre-se de heras, que galgam do solo até bem perto do telhado que nem um feijão mágico de uma qualquer história infantil. Nesse telhado, uma caleira aglomera quase tantas folhas secas quantas as que se espalham pelo solo. A porta central, de aspeto frágil e antigo, contribui para o ar campestre e usado do pequeno casebre. Tanta antiguidade guarda, no seu ventre, algo jovem, um rapaz apavorado.

— Sebastião!

Dois socos fortes fazem estremecer a porta.

— Eu sei que estás aí, deixa-me entrar!

A voz grave pertence a um homem. Curiosamente, é uma voz apimentada, condimentada por uns grãos de sotaque. A origem parece ser evidente. Cresceu falante de uma qualquer língua germânica. Quiçá alemão. Quiçá inglês. Quiçá de uma das muitas colónias sem língua própria.

— Sebastião, o meu nome é JD. Abre a porta, por favor.

Do interior da pequena casa nada mais emana do que escuridão e silêncio. Assustado, o jovem que acabou de ver ser assassinada a sangue-frio toda a sua família parece querer passar despercebido, militarmente camuflado entre os pertences da habitação.

Percebendo que, mediante palavras, dificilmente chegará à meta, o homem de voz peculiar e nome diminuído adota um novo e mais direto método. Fazendo-se valer da força que os seus músculos algo avolumados lhe dão, ergue a perna direita e lança-a sobre a madeira envelhecida e carunchosa da porta. Um embate revela-se suficiente para que os ferrugentos parafusos que sustentam a gasta fechadura cedam e se lancem ao chão com lascas de madeira ainda agarradas. A passagem está livre.

— Sebastião, não precisas de ter medo. Eu venho ajudar-te.

O breu do casebre poderia ser uma limitação à vista desajustada do homem, no entanto as suas pupilas dilatadas permitem-lhe ver bem o recheio. Com um caminhar cauteloso, atravessa a pequena sala que se abre diante da

porta. Contorna um sofá que se atravessa bem ao centro e mira para lá das suas costas, na esperança de aí encontrar, em posição fetal como se de um bebé por parir se tratasse, o jovem em fuga. Nada.

— Eu chamo-me JD, sou um... um amigo que vem proteger-te. Onde estás?

Pé ante pé, e percebendo que a sala está despida de almas, avança na direção do quarto dos fundos, o único da cabana. Ao entrar no dito e sem que nada o fizesse prever, um vulto corre na sua direção e empurra-o com força quase suficiente para fazê-lo perder o equilíbrio. Não fosse a robustez física que os treinos impostos pela profissão lhe dão e teria sucumbido ao embate.

O vulto, um rapaz atemorizado, lança-se sobre a porta da cabana para dela fugir, tal como fugiu da casa onde as vidas dos seus mais que tudo terminaram cobardemente há poucas horas. O medo de sofrer semelhante fado às mãos de um estranho que, aparentemente, descobriu o seu esconderijo dá-lhe uma velocidade de corrida que jamais acreditara conseguir ter. Ainda assim, não é suficiente. O invasor, de novo fruto dos frequentes e obrigatórios exercícios de resistência física, explode em corrida e alcança Sebastião antes que este consiga saltar pela porta e lançar-se à labiríntica mata.

— Calma! — grita-lhe a voz marcada por uma pronúncia estrangeira.

O jovem esperneia, rodopia, debate-se. Tudo faz para soltar-se dos braços fortes do homem que o agarra. Em vão. A sua estrutura esguia e os músculos, ainda que existentes, pouco habituados a trabalhos físicos, além das esporádicas ajudas ao pai no trato do jardim, nada conseguem contra o abraço que o aprisiona.

— Tem calma, Sebastião. Não vou fazer-te mal. Para!

— Largue-me! Vai matar-me como mataram os meus pais. Monstros!

Não tendo outra forma de ripostar a prisão braçal, o jovem golpeia a cana do nariz do seu captor, provocando-lhe uma dor pungente. Tomado por essa dor, ainda que não sendo suficiente para fazê-lo soltar Sebastião, o homem reage intempestivamente. Com a mão direita desfere um estalo na face esquerda do jovem. Não muito intenso. Daqueles estalos de luva branca, que magoam mais o ego do que ferem a carne.

Sentindo-se resignado, como se aceitando que nada poderá fazer, desiste das convulsões. Tal acalmia leva o invasor a desfazer o abraço. Sebastião cai sobre o soalho e aí se queda. Assente sobre as próprias pernas e com as mãos apoiadas também no solo, mira as raias da madeira, mira-as com os mesmos olhos de onde se soltam mais lágrimas. Achava tê-las gastado todas durante a corrida até ao esconderijo, no entanto aí estão elas de novo a saltarem-lhe das vistas como se preparando-se para o pior. E será mesmo o pior? Quão mau seria se este brutamontes o matasse aqui e agora?

O matasse já, com uns quantos tiros certos? Doeria assim tanto? Doeria mais do que perder toda a família de uma levada? E, se doer, será assim um preço tão caro a pagar para voltar a vê-los? Para juntar-se a eles no Paraíso? Sim, porque só podem estar no Céu, o local para onde vão todas as almas boas, como o padre da vila lhe ensinou nas aulas de religião e moral.

— Sebastião, o meu nome é JD e sou um amigo. Não estou aqui para fazer-te mal, vim ajudar-te.

A sua figura ergue-se bem para lá do metro e noventa. O cabelo castanho-claro combina com o tom amendoado dos olhos, bonitos e brilhantes. São evidentes as feições masculinas típicas. O maxilar saliente, um queixo quadrangular, maçã de Adão proeminente. Duas covas, uma em cada face, dão-lhe um ar caricato, um ar apetitoso a muitos dos gregos e a alguns dos troianos, a muitas das mulheres e a alguns dos homens. Quanto ao corpo, há que imaginar. Um elegante fato concluído por uma gravata escura e uma gabardina preta cobrem-no. Ainda assim, atendendo à destreza física e à força que demonstrou ter, adivinham-se músculos desenvolvidos, quiçá dignos dos preceitos helénicos.

— A minha família está...

O jovem não consegue terminar a frase. Falta-lhe a coragem para pronunciar a mais dolorosa das palavras. Morta.

— Eu sei, lamento.

A resposta sai-lhe seca e protocolada. Parece tirada de um qualquer manual de procedimentos.

Ensinado desde novo a dar a menor das importâncias aos sentimentos, JD leva a mão a um dos bolsos do *blazer*, tira dele um cigarro que prontamente acende e apressa-se a chupá-lo como se buscando uma evasão ao sentimento pesado e negro que se faz sentir.

— Infelizmente, não posso fazer nada para corrigir aquilo a que tu assististe, mas posso oferecer-te a amizade de quem represento.

Com os olhos marejados, Sebastião ergue a cabeça e mira bem no fundo dos olhos de JD. Mira-o como se vendo em si a personificação de todo o mal.

— Amizade? O que faço eu com amizade? Para que quero amizade se eu tenho... tinha amor?



Americanos filhos da puta...

Como és única, Lisboa. Abraçada pelo rio e beijada pelo mar. Quente como o sol num dia de verão. Fresca como uma floresta num dia de inverno. Tens em ti as quatro estações de Vivaldi. Tens em ti o jardim de Tomás, à beira-mar plantado, de loiros e de acácias olorosas, de fontes e de arroios serpeado, rasgado por torrentes alterosas, onde num cerro erguido e queimado se casam em festões jasmims e rosas.

— Apanharam-no?

— Infelizmente não, general. O desgraçado conhecia bem a zona. Escapuliu-se pelo meio do mato e estava escuro. Perdemos-lhe o rasto.

— Incompetentes! Dou-vos a simples tarefa de capturar um maldito miúdo e nem isso conseguem fazer? Desapareçam-me da vista. Desapareçam antes que eu mande apresentar-vos à parede!

Como és amaldiçoada, Lisboa. Cambaleante como uma balança que ora inclina à direita ora pende para a esquerda. Entregue a um fado triste de sina negra, navegas num mar escuro, guiada por um timoneiro sem mãos de leme. Tomada pelo Mostrengo de Pessoa que questiona, quem é que ousou entrar nas minhas cavernas de rochedo, meus tetos vermelhos onde se pinta foíce e martelo? E o homem do leme diz, sem medo, el-rei e senhor general Otelo!

— Americanos filhos da puta! A meterem-se onde não são chamados! Expulsem o Rowell! Expulsem-no já!

Edward Rowell, embaixador extraordinário e plenipotenciário dos Estados Unidos da América. Escolhido pelo presidente Reagan em janeiro de 1988, apresentou-se ao serviço nesse mesmo mês. E quem não o faria? Quem não fugiria o mais depressa possível do rigoroso inverno norte-americano, tendo a chance de se instalar numa muito mais amena cidade de Lisboa? Amena mas vermelha, muito vermelha.

— Não seria prudente, general.

Expulsar embaixadores é, curiosamente, algo comum quando se pretende responder a uma atitude menos positiva levada a cabo por outro país. Os líderes dos países zangam-se, ofendem-se, rogam pragas mútuas e lá tem o pobre do embaixador de fazer as malas.

— Não é prudente? Como ousas?! Quem sabe o que é ou não é prudente sou eu, ouviste bem? Eu sou o Governo! Eu sou o Estado! Eu sou Portugal!

— Salazar também era isso tudo e, no entanto, uma mera cadeira bastou.

A serenidade na fala é evidente. Transmite calma, segurança e assertividade. De fato negro e gravata, em tudo destoa daquele a quem chama general. Um bigode farfalhado ocupa-lhe o espaço entre o nariz e a boca. As faces mostram-se despidas de barba, como qualquer outro cavalheiro. O cabelo, esse, tem-no cuidadosamente riscado e tombado à direita com a ajuda de um qualquer produto endurecedor. Corpo esguio, elegante, nem gordo nem magro, altura portuguesa. Ao peito, à direita, enverga um singelo *pin* de elevado significado. Três barras sobre um fundo cinzento. As mesmas três barras que usa ao ombro quando veste de gala e que alertam terceiros para a sua patente: capitão.

— Não me fales nessa besta!

Intempestivo, de fala grosseira e mais rápida do que a ponderação, tem um quê de brutamontes, um quê de conflituoso, um quê de guerrilheiro, um militar. Traja o uniforme do exército português, aquele ao qual pertence desde 1955. Tons acinzentados, colarinho cuidadosamente engomado, botões embainhados, calças vincadas, botas engraxadas e insígnias, várias insígnias. A bandeira portuguesa à altura do ombro do braço esquerdo. As quatro riscas, três mais finas e uma mais grossa, características da sua patente, exibem-se acima de ambos os ombros. Ao peito, do lado esquerdo, sobre o coração, uma sigla: PRP. Partido Revolucionário Português.

— Não mais falarei, general.

— Às vezes pergunto-me se és realmente o meu braço-direito ou se estás só à espera de um dia bom para me enfiar um balázio no meio da testa.

A provocação lançada parece surtir pouco efeito no homem. Talvez ache que tal suspeição não tem cabimento por não ter intenções de fazer tal coisa. Ou talvez reconheça nela alguma verdade. Afinal, as maiores traições não vêm de estranhos, vêm de amigos, vêm de um qualquer Judas a quem no passado se chamou irmão.

— Eu quero esse miúdo morto rapidamente! Quanto mais tempo demorarmos a apanhá-lo, mais perigoso ele pode tornar-se.

— Está-lhe nos genes.

— Malditos genes. Acabarei com cada um dessa família. Faço-o com as minhas próprias mãos, se for preciso. Já matei um, posso matar outro! — lança o general, enquanto esmurra a secretária que tem diante de si.

O amplo espaço tem tudo o que um gabinete de chefe de Estado pode precisar. Localizado no Palácio de Belém, onde escolheu instalar o comando do país, conta com altas janelas pelas quais entra a luz do sol que reflete nas águas do Tejo. Pesados cortinados presos por grossos cordões à cintura

engalanam cada uma delas. A secretária, de madeira robusta e cuidadosamente envernizada, porta um ou outro grupo de papéis, nada de muito volumoso. Papéis e burocracias não são o forte das autocracias. Uma mesa central com cadeiras em volta, e em tudo a condizer com o restante mobiliário, jaz disponível a qualquer reunião. Numa das extremidades encosta-se um longo sofá à parede e, colocado a noventa graus, um segundo destinado a uma só pessoa, o chefe de Estado. Por cima, em dimensões hercúleas, dependuram-se dois enormes quadros que ladeiam um terceiro, ligeiramente menor mas amplamente conhecido. Neles representam-se duas fotografias ampliadas. À direita, Otelo cumprimenta Fidel, ditador comunista de Cuba. À esquerda, o mesmo Otelo cumprimenta Brejnev, líder da Союз Советских Социалистических Республик⁵ à data da imagem. Ao centro, a bandeira portuguesa. A nova. A alterada desde março de 1975. O verde e o vermelho mantêm-se. A esfera armilar e o escudo são intocáveis. Em suma, a mesma desde 1911, mas com uma nova adição. Um símbolo. À direita, no canto superior, sobre o fundo vermelho. Uma foice. Um martelo. Cruzados. Um cravo sobre eles. Pátria, família, revolução.

⁵ União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

VI

O quarenta e um...

— **W***elcome back to Portugal, secretary Carlucci.*
— *Thank you, ambassador Rowell. It's good to be back.*⁶

A White House lisboeta não abriga o presidente de um dos mais poderosos países, os Estados Unidos da América, mas quase. Dá um humilde teto ao seu mais alto representante em Portugal, o embaixador Rowell. Entenda-se a ironia na expressão «humilde teto». De humilde, a mansão de finais dos anos 1800, construída pelo então conde de Olivais e Penha Longa, nada tem. Ao edifício onde reside Rowell, alguns outros, mais modernos e com o propósito de abrigar a massa trabalhadora, foram sendo adicionados. A fechar o complexo, verdejantes jardins salpicados por flores de todas as cores e ensombrados por várias árvores nativas do solo português. Finalmente, um alto e imponente muro ladeia todo o perímetro como se exibindo a soberania do governo americano sobre os metros quadrados de terra que jazem para lá dele.

— Bem-vindo a esta que também é a sua casa.

Nascido numa pequena cidade do Sudeste americano nos idos anos 30, Frank Carlucci jamais acreditara que a sua vida acabaria intrinsecamente ligada a um pequeno e, aos olhos de muitos, remoto país europeu. Estudou em Princeton, especializou-se em Harvard e acabou a ingressar na marinha norte-americana. Enquanto membro efetivo da Central Intelligence Agency, vulgo CIA, participou ativamente nos planos de execução do então ditador congolês Patrice Lumumba e consequente imposição da democracia no país africano. Pela mão de Nixon, entra nos meandros da política dos Estados Unidos e, durante a presidência seguinte, Ford escolhe-o enquanto representante máximo norte-americano em Portugal.

— Foram tempos conturbados, os que vivi durante a minha permanência aqui em Lisboa, mas fui feliz, muito feliz. O sol fazia-me bem. O cheiro de mar enchia-me a alma. A natureza rejuvenescia-me. É muito bom estar de volta, apesar das razões.

Uma vez chegado a Lisboa, Carlucci deu consigo no epicentro de um país sísmico, abalado por uma recente revolução que pôs termo ao Estado Novo e depôs Caetano, o segundo dos ditadores do regime. E, como se o

⁶ — Bem-vindo a Portugal, secretário Carlucci.

— Obrigado, embaixador Rowell. É bom estar de volta.

fardo de ver-se em tão periclitante cenário não bastasse, carregava ainda um outro peso, o de evitar que Portugal avermelhasse, o de lutar pela restauração da democracia em detrimento de ditaduras extremadas, independentemente do extremo, o de impedir que o país voltasse a uma ditadura quase fascista ou o de ingressar num regime comunista. Falhou.

— Quer partilhar comigo o que o traz de volta a Lisboa?

A pergunta de Rowell tem um quê de retoricismo. Talvez não saiba ao pormenor, mas está ciente dos motivos que trazem o recém-afastado secretário da Defesa norte-americano a território português.

Terminadas as suas funções como embaixador em Portugal regressa aos Estados Unidos da América, onde prossegue a sua carreira enquanto diretor adjunto da CIA, nomeado por Carter, torna-se secretário adjunto da Defesa e conselheiro de segurança nacional, pela mão de Reagan e, finalmente, chega a secretário da Defesa. Com o término da presidência de Reagan, em janeiro de 1989, um novo rumo aguarda-o.

— Bom, como sabe, estou de novo sob a alçada da CIA desde que findei as minhas funções na Defesa. Entretanto, fui chamado ao *oval office* e o quarenta e um deu-me novas funções.

George H. W. Bush, quadragésimo primeiro presidente da história dos Estados Unidos, não descarta as capacidades de Carlucci e adjudica-lhe uma valorosa missão.

— Tratar da situação que nos rodeia?

— Precisamente.

A queda do regime salazarista acontece, em boa verdade, com o desconhecimento total do governo norte-americano e das suas instituições. Em momento algum os então responsáveis pela diplomacia com Portugal se aperceberam do iminente *volte-face* na política nacional. Apanhados de surpresa pelo enorme turbilhão no seio de um dos países fundadores da NATO, os americanos depressa se aperceberam do perigo, um perigo vermelho.

— O socialismo soviético nunca deveria ter tomado o país. Há que corrigir este erro.

Kissinger, o então secretário de Estado dos Estados Unidos da América, e responsável máximo pela diplomacia americana no estrangeiro, considerou Portugal um caso perdido. Na sua ótica, o país deveria ser isolado da NATO e de todas as instituições ocidentais às quais pertencia, bem como sofrer fortes sanções políticas e económicas. Tal tratamento, acreditava o americano, era mais do que justificado para uma nação que, para fugir ao ultraconservadorismo de direita, estava prestes a entregar-se ao radicalismo de esquerda.

— E acha que esta nova abordagem vai resultar? Será que as pessoas estão mesmo a engraçar com o rapaz?

— Tem de resultar! O povo está cansado de sucessivos regimes e anseia por líderes democráticos. O vento está a nosso favor, resta-nos navegar.

Carlucci sempre se opôs à ideia de se esquecer Portugal, de se deixar entregue à sua própria sorte, ou azar, um país geograficamente tão bem colocado, tão útil aos interesses americanos e da própria NATO. Infelizmente, dois meses depois de vivência portuguesa e com as malas acabadas de desfazer, o que mais se temia aconteceu de facto. O céu azul avermelhou.

— Nós, na embaixada, temos feito o que nos tem sido solicitado e estamos disponíveis para o que a CIA precisar.

— Agradeço-lhe, embaixador. Toda a ajuda é apreciada, principalmente agora.

— Agora?

— A situação descontrolou-se. O regime anda à procura do rapaz.

— Apanharam-no?

— Não, conseguiu escapar, mas a família não teve a mesma sorte.

— Mortos?

— Não conseguimos ter total certeza. Os Serviços têm o local bem guardado, mas tudo indica que sim.

— *Fuck!* Como deixaram isso acontecer? Não tinham a casa vigiada?

— Sim, os homens estavam nas redondezas, mas não esperavam que o regime descobrisse tão depressa a morada. Devem ter sido avisados. Não houve nada que pudessem fazer para evitá-lo.

— *May God receive their souls.*⁷ E o rapaz?

— Fugiu, mas temos homens no seu encalço. Vamos tentar trazê-lo para aqui.

— Aqui para a embaixada?

— Algum problema com isso, embaixador?

— Não, de todo. Quando é que chegam?

— Não sei, dependerá do próprio e do quão facilmente se deixa convencer.

— Acha que será difícil? O rapaz deve estar sem rumo.

— Tenho o meu melhor homem a tratar disso.

⁷ Que Deus receba as suas almas.

VII

Libertador da pátria...

É na cabana, já com o dia raiado pelo sol, que JD conversa com o abalado jovem.

— A amizade que te ofereço pertence a pessoas que vão proteger-te, Sebastião, e que podem ajudar-te a vingar a morte da tua família.

O rapaz, um mero jovem sem experiência de vida aos olhos de muitos, mas um adulto para todos os efeitos, mostra-se cabisbaixo. Sentado numa das cadeiras que envolvem a mesa da pequena cozinha, não consegue descolar os olhos do chão da cabana. A franja do cabelo, algo moderna para os tempos, dependura-se lisa e solta. As faces, onde se vislumbra uma barba rarefeita, a barba de um homem que, não mais crescendo fisicamente, muito tem a amadurecer, mostram-se molhadas pelas lágrimas que teimam em cair-lhe das vistas. O corpo, fechado sobre si, esconde a figura magra, franzina, do jovem. Certamente que o corpo se lhe avolumaria mais caso os pais tivessem permitido que ele trabalhasse nas quintas vizinhas, como muitos dos mancebos da sua idade. Nunca o autorizaram.

— Estuda, tu tens boa cabeça — dizia-lhe a mãe. — Um dia serás doutor.

E que mãe não quer ter um filho doutor?

— O que querem de mim? Por que mataram os meus pais? Eles nunca fizeram mal a ninguém. Eram trabalhadores honestos, não tinham riqueza. As maiores riquezas deles eram...

Uma nova dor toma-lhe conta da alma. A dor de quem acaba de lembrar-se de algo que, pela intensidade dos acontecimentos, se lhe varrera da memória momentaneamente.

— ...os filhos. O meu irmão! O meu irmão também morreu! Que mal fez ele? Porquê? Porquê?!

Não consegue evitar uma nova vaga de choro intenso. Acaba de lembrar que também o irmão mais novo terá sido infundadamente morto por uns monstros desconhecidos que invadiram a casa; mais: que invadiram o lar da sua família para a destruírem.

A falta de respostas atormenta-o tanto quanto os crimes hediondos que palpitam na sua mente. Ouve os sons dos tiros em ciclo como se se repetissem a cada segundo que passa. Recorda os gritos da mãe como se ainda conseguisse ouvi-los ao longe. Vê o sangue do pai espalhado pelo solo

como se este ainda estivesse à sua frente. Um sofrimento que o consome e sem sabido motivo.

De aspeto estatuificado, em pé, com a mão esquerda metida no bolso das calças e com a direita apoiando o cigarro, o segundo que fuma desde que entrou na cabana, JD mira a tristeza do rapaz. Pelo coração passa-lhe um ligeiro sentimento de pena, depressa suprimido pela razão incutida pelos seus professores, distintos agentes da CIA, que muito lhe ensinaram.

— Eu tenho algumas respostas, caso queiras ouvi-las. E posso levar-te a conhecer quem conseguirá elucidar-te ainda mais.

Por mais que lhe custe fazê-lo, quiçá por ainda ver nele a responsabilidade pela morte dos pais, quiçá por se sentir meramente incomodado e amedrontado por este homem que lhe entrou na vida de súbito, Sebastião ergue a cabeça e mira os olhos do agente.

— E porque haveria eu de confiar no senhor? Como sei que não vai matar-me como mataram a minha família?

Um pouco cansado das repetidas vezes que já disse não querer fazer-lhe mal, JD abre o lado esquerdo da gabardina e puxa da arma que carrega à cintura.

— Não! O que vai fazer? — questiona, assustado com tão brusco movimento.

— Toma. Se eu tentar fazer-te alguma coisa que te desagrade, podes disparar.

Desconfiado, o jovem hesita.

— Mas eu...

— Toma, basta apertares o gatilho.

Sem saber como reagir, e nunca tendo visto uma tão de perto, Sebastião agarra na *Glock 17* com ambas as mãos esticadas e abertas, como se não passando de um pedinte mendigando uma esmola a um qualquer barão endinheirado.

Em boa verdade, é uma péssima ideia entregar uma pistola a um miúdo que acaba de ver a sua inteira família ser morta à força de balas. Se trauma não existisse, agora não faltaria.

— O que quer de mim? Porque mataram os meus pais?

— Eu não matei os teus pais, Sebastião. Eu nunca mataria alguém à frente dos filhos.

Os olhos do jovem arregalam-se ao ouvir a confirmação de que, à sua frente, está alguém capaz de muito.

— O senhor já matou?

Um sorriso de pena desenha-se no rosto de JD como resposta à inocência demonstrada pelo alvo que o Tio Sam mandou proteger.

— Um dia conto-te algumas histórias, não agora, não hoje.

O jovem recentemente feito órfão percebe a evasão na resposta do agente, percebe que este tenta protegê-lo de uma qualquer conversa sobre tiroteios e assassinatos nada adequada aos acontecimentos recentes.

— Para já, basta saberes que sou o teu melhor amigo e que faço parte da CIA. Já ouviste falar?

Um revolver de pensamentos parece dar-se na mente do jovem como se procurando informação sobre o termo na sua memória.

— Sim, acho que sim. Vi num dos filmes que o pai tinha...

— Escondidos? Podes falar, eu sou pouco dado a censuras.

— Sim, escondidos na cave. Às vezes deixava-nos ver com ele filmes de *cowboys*, de espíões e de samurais. Quase sempre ao sábado à noite, mas avisava-nos para não contarmos a ninguém ou ele poderia ser preso.

— Era um bom pai?

O silêncio instala-se na cabana. Uma nova mas solteira gota escorre pela face direita do jovem. Por um instante, JD arrepende-se da pergunta.

— A interação emocional com alvos ou elementos de interesse deve ser evitada — repetia sucessivas vezes o agente Thomas, um veterano da CIA que lhe ensinou tudo sobre interação humana, durante os seus tempos de formando.

Parece que nem a formação intensiva proporcionada pela agência é suficiente para ensinar um homem a pôr de lado a emoção em momentos tão comoventes.

— Eu não lhe falei durante o dia todo. Estava chateado porque queria ir passear com uns amigos e ele não deixou. Fui para a cama sem sequer lhe desejar uma boa-noite... e agora... agora... nunca mais poderei pedir-lhe desculpa... tudo por causa de um passeio... Que parvo eu fui.

Que atire a primeira pedra quem nunca sofreu pelo feito e pelo não feito.

Embora sinta uma espécie de campo magnético que o atrai a envolver o moço num abraço fraterno, JD detém-se. Tenta recompor-se da quase perda de postura de há instantes e recuperar a frieza e a aparência de vazio sentimental que tanto preza.

— Era um ótimo pai...

O silêncio instala-se. Também o americano parece recordar os seus, a mãe, a família. De origem europeia, os seus ascendentes fazem parte das grandes migrações entre o velho e cansado continente e as novas e auspiciosas terras. O pai emigrara da Irlanda para as Américas onde conheceu a mãe e casaram. Como fruto do enlace nasceu JD, puro americano aos olhos da legislação, tendo-lhe para isso bastado nascer sobre o pedaço de terra que jaz entre o Atlântico e o Pacífico. Apesar das várias missões em que tem participado, tanto no continente americano quanto na Europa, nunca

teve a oportunidade de regressar à Irlanda. Antes de morrer novo às mãos de um inesperado e fulminante cancro, o pai pediu-lhe que voltasse às suas origens e que consigo levasse um abraço para entregar ao tio. Irmão do pai de JD, nunca teve filhos. Entregou-se a Deus e, segundo JD sabe, é cardeal da Igreja Católica. Certamente adoraria rever o sobrinho, agora um homem feito.

— Otelo Saraiva de Carvalho, o nome diz-te alguma coisa?

Os olhos de Sebastião miram os de JD mais intensamente do que nunca.

— Claro que sim, é o senhor general. O libertador da pátria.

— Libertador da pátria? Era assim que lhe chamavam lá em casa?

Sebastião volta a mirar o solo estriado. Não precisa de responder. O seu gesto grita que não eram de todo esses os termos usados para descrever Otelo no seio familiar. Na segurança do seio familiar não se professavam doutrinas.

— Alguma vez o viste?

— Sim, no noticiário e nos periódicos.

— Os teus pais não gostavam lá muito dele, pois não?

Sempre que uma nova menção aos pais ocorre, Sebastião sente um aperto cardíaco.

— Os meus pais sempre me ensinaram que o senhor general libertou o país da ditadura.

Um novo sorriso, também este de compaixão, esboça-se no rosto do americano. É-lhe evidente que o jovem ainda não confia em si o suficiente para partilhar os reais comentários feitos pela família relativamente a Otelo, o alegado libertador da pátria, seja lá isso o que for.

— Sebastião, vou ser muito direto. Foi ele que mandou matar os teus pais.

Uma bomba. As palavras de JD assemelham-se a uma bomba que acaba de cair sobre a cabeça do jovem e lhe desfaz a mente em mil pensamentos e outras tantas inquisições.

— Ele? Ele quem?! O senhor general?

Um leve aceno vertical de cabeça por parte do espião americano é suficiente para responder às múltiplas questões.

— Não pode ser. Mas porquê? Por que motivo haveria o senhor general de querer fazer-nos mal? Somos... éramos uma família humilde, trabalhadora e nunca fizemos mal a ninguém.

JD larga um longo suspiro antes de aventurar-se a responder ao mi-lhar de novas perguntas de Sebastião. É um mero adiamento do inevitável. Sabe que terá de dar-lhe essas mesmas respostas, sob pena de não conseguir convencê-lo a acompanhá-lo.

— Por causa de ti.

— De mim?! — solta o jovem, profundamente chocado.

Sobre os seus ombros cai um novo peso, o peso de ver-se culpado pelo assassinato dos próprios pais, dos seres que lhe deram a vida e a tornaram maravilhosa durante duas fugazes décadas.

— E do teu pai.

— Do meu pai? O meu pai era um homem simples e pobre que nunca saiu da vila. O que poderia ter contra ele o senhor general?

Sebastião mostra-se verdadeiramente confuso, deveras perdido com a informação que JD lhe vai passando aos poucos. Um novo suspiro profundo e longo sai pelas narinas do americano.

— Por causa do teu pai verdadeiro.

— Como?!

— Os teus pais, a Belmira e o César, não são, não eram, os teus pais biológicos.